

05/10/2016 - 05:00

Deutsche Bank dá dura lição sobre risco

Por **Martin Wolf**

Todos os bancos são fracos, mas alguns são mais fracos que outros. Essa é a principal lição legada pelo tumulto do mercado que cerca o Deutsche Bank. Mas existe também uma série de outras lições: o método adotado para punir os bancos por suas falhas lembra mais um disparo de bacamarte do que de fuzil; e ainda é difícil recapitalizar bancos sem dinheiro público. Acima de tudo, mais de nove anos após o início da crise financeira mundial, as preocupações com a saúde do sistema financeiro continuam significativas, principalmente na Europa. Isso não deveria surpreender. Mas deveria incomodar.

A causa mais próxima da fragilidade do Deutsche Bank foi a exigência, pelo Departamento de Justiça dos EUA, de que o banco fechasse um acordo de US\$ 14 bilhões para encerrar seu processo contra instituição em torno de sua suposta venda fraudulenta de títulos lastreados em contratos de crédito imobiliário nos EUA.

A ideia de que acionistas controlam bancos é um mito. É a direção que é responsável. O que continua desanimador é que acionistas e alguns peixes pequenos entre os funcionários foram punidos, mas tomadores de decisões que geriam os bancos escaparam mais ou menos ilesos

Mas o banco é estruturalmente frágil. Seu nome também é enganoso: ao não dispor de uma sólida base de varejo no sistema bancário da Alemanha, altamente fragmentado, ele é primordialmente um banco de investimento mundial, muito semelhante ao Goldman Sachs. Em um esforço para manter a alta lucratividade, o Deutsche Bank é grandemente alavancado, comparativamente aos padrões de seus pares. Cerca de metade de seu € 1,8 trilhão em ativos é vinculada a suas atividades de tesouraria, com uma significativa parcela desses ativos (€ 28,8 bilhões, no total) desprovida de preços de mercado. Mesmo pelos padrões de seus pares, trata-se de um banco altamente alavancado, com negócios questionáveis e ativos nebulosos.

Em vista disso, o que todo esse tumulto tem a nos dizer?

A primeira lição é a de que os bancos continuam sendo empresas muito frágeis. Por sua natureza, os bancos são instituições altamente alavancadas com passivos ultralíquidos e ativos muito mais ilíquidos. Os balanços de muitos bancos são, além disso, enormes. Os clientes encaram os passivos líquidos dos bancos como reservas de valor e de meios de pagamento totalmente confiáveis.

Os elevados retornos sobre o patrimônio do período pré-crise prometidos pelos bancos dependiam de sua alavancagem ultra-elevada e, portanto, do respaldo do contribuinte no colapso resultante. Mesmo bancos fortes se beneficiam do apoio do pós-crise concedido aos seus irmãos mais fracos, porque isso ajuda a manter suas contrapartes, e, portanto, o sistema, em pé. Na medida em que instituições públicas foram empurradas para o setor como seguradoras de sua liquidez e solvência, elas também foram obrigadas a impor uma regulação cada vez mais rígida. A recente turbulência do mercado nos lembra de tudo isso.

A segunda lição é a de que a via tomada por todos os órgãos reguladores para punir os bancos por seus vários delitos é insatisfatória. É realmente razoável punir os acionistas pelos malfeitos dos bancos cujas ações lhes pertencem. Mas merece ser objeto de dúvida se faz sentido impor uma sanção pecuniária tão grande a ponto de pôr em perigo a sobrevivência de uma instituição.

E, o que é muito mais importante, a ideia de que os acionistas controlam os bancos é um mito. É a direção que é

Deutsche Bank, do que continua sendo desanimador é que os acionistas e alguns peixes pequenos entre os funcionários foram punidos, mas os tomadores de decisões que geriam essas instituições escaparam mais ou menos ilesos. Na verdade, essa é uma das explicações para a ascensão de Donald Trump.



A terceira lição é a de que os bancos ainda estão subcapitalizados em relação à escala de seus balanços, como destacaram Anat Admati e Martin Hellwig. De forma mais imediata, não dispomos de meios confiáveis para corrigir isso. Assim, embora os governos insistam no descarte dos pacotes de socorro financeiro, poucos acreditam nisso, principalmente no caso de um banco da importância do Deutsche. O Banco Central Europeu (BCE) propôs operações de resgate temporárias como alternativa. Mas é difícil acreditar que essas operações serão revertidas algum dia. Na prática, os credores privados fugirão

e o governo acabará como o dono do banco em questão.

Adam Lerrick, do American Enterprise Institute, propôs, em vez disso, o correspondente à inversão resultante de uma imagem de espelho: um socorro financeiro "interno" temporário, [em que se usaria dinheiro privado, dos detentores de bônus ou de títulos subordinados, em vez de público para resgatar bancos em dificuldade]. Seu plano parte da necessidade de evitar novas operações de salvamento governamentais. Um socorro financeiro interno temporário por credores elevaria o capital do banco para níveis adequados.

Se o banco for alvo de um pânico apenas temporário, ele captaria capital novo assim que esses temores se dissipassem. Os valores devidos aos credores poderiam, em seguida, ser reconvertidos em títulos, pelo valor de face. Se se mostrasse impossível atrair capital no futuro, pelo fato de a escassez de capital ser estrutural, o socorro financeiro interno seria permanente. Para proteger os pequenos credores, seria convertido em participação acionária apenas o excedente das carteiras de cada investidor.

Em resumo, o problema dos bancos não desapareceu. Uma parte fundamental do perigo é o fato de eles serem instituições inerentemente frágeis. Também é provável que os balanços que eles herdaram dos excessos do período pré-crise sejam insuficientemente lucrativos e, portanto, terão de encolher. O mais importante de tudo poderá ser o impacto das novas tecnologias da informação e dos novos modelos de negócios sobre a saúde do setor bancário histórico, especialmente em vista do dano imposto à sua reputação de competência e probidade. Muitos acrescentariam a isso o impacto sobre a lucratividade das políticas ultrafolgadas dos bancos centrais.

Mas contra isso deve-se observar que essas políticas refletem o mal econômico do pós-crise. Se a política monetária fosse mais apertada e, portanto, as economias ficassem mais frágeis do que estão hoje, o setor bancário ficaria mais fraco também.

Pouco tempo atrás o foco eram os bancos italianos. Atualmente é o Deutsche Bank. Muito provavelmente, nem este último vai desencadear uma grande crise. Mas os riscos do setor bancário permanecem. A solução é garantir capitalização adequada em todos os períodos e, na sua ausência, títulos suficientemente acionáveis em uma operação de socorro interno. Na ausência de qualquer um deles, a atividade bancária continua sendo um acidente à espera do momento para ocorrer.

(Tradução de Rachel Warszawski)

Martin Wolf é editor e principal comentarista econômico do FT.